

Capítulo VII

A PRIMEIRA CONFERÊNCIA DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO SUL

o Camponês

ÓRGÃO

DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS E CAMPONESES DO SUL

Número especial
11-2-75
ANO XXIX
Preço 2500



A 1.ª CONFERÊNCIA DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO SUL TRINTA MIL TRABALHADORES EM ÉVORA

Num ambiente verdadeiramente entusiasmante, que só quem presenciou é capaz de avaliar, encheu-se por completo o amplo recinto dos pavilhões da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, em Évora, onde se reuniram milhares e milhares de trabalhadores agrícolas, mais de 25 mil, ostentando disticos onde se podiam ler frases que reflectem a vontade do proletariado rural nestes dias de luta contra os monopólios e os grandes agrários. Bandeiras vermelhas bem erguidas ao vento eram o símbolo dessa luta contra os sabotadores e os latifundiários, pela realização da Reforma Agrária. «A terra a quem a trabalha era a palavra de ordem que constantemente se ouviu gritada por esses milhares de homens, vindos por um ideal comum, aquil viveram discutir os seus problemas e apontar soluções.

Nesta manhã a ameaça de chuva o entusiasmo não esmorecia enquanto se aguardava o início do plenário de abertura desta Conferência dos

Trabalhadores Agrícolas do Sul.

Com o recinto já literalmente cheio e vibrante de entusiasmo, António Gervásio, membro do Comité Central e da Direcção da Organização Regional do Alentejo e Algarve do PCP, iniciou o plenário fazendo a apresentação da mesa que era composta por seis elementos do Comité Central: Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, Dias Lourenço, Francisco Miguel, Américo Varela, António Gervásio, Dinis Miranda e elementos das Direcções das Organizações Regionais do Alentejo e Algarve, de Setúbal e do Oeste e Ribatejo; dirigentes dos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre, Faro, Setúbal e Santarém; representantes das juntas de freguesia de Évora, Santarém e Beja e ainda um representante do Ministério do Trabalho e um representante do IRA.

**INTERVENÇÃO
DE DINIS MIRANDA**
Dinis Miranda, depois de se referir à Conferência histórica

um pouco a luta dos trabalhadores rurais ao longo dos anos, salientando que o Partido Comunista sempre esteve ao lado dos operários rurais na luta por melhores salários e melhores condições de trabalho.

«Ao contrário do que algumas pessoas dizem, os trabalhadores rurais sempre tiveram uma elevada consciência de classe e um elevado grau de combatividade.

So assim se compreende que um 25 de Agosto de 1912 e 15 de Dezembro de 1923 tivessem realmente lugar em Évora o I e V Congresso dos Trabalhadores Rurais e participado na greve geral de 1920. So assim se compreende que tivessem desencadeado, com as suas comissões de unidade à frente, milhares de acções e tivessem conquistado, em Maio de 1924, magnífica vitória na greve da Trabalhada de 48 horas semanais.

«Nestes últimos dez anos as-

sistimos no nosso país a uma vertiginosa concentração da terra nas mãos de cada vez menos agrários. Por exemplo:

de 1950 a 1970, o número de patrões na Agricultura, Silvicultura e Pescas passou de 142 000 para apenas 18 500. De-

separaram, portanto, 123 600 pequenos agricultores.

Assim, temos, só nos distritos

de Beja, Évora, Faro, Portalegre, Santarém, Setúbal, 96 explorações agrícolas (em 113 que existem no nosso país) com área de 2500 hectares cada uma e 2169 com mais de 200 hectares cada.

Mais adiante afirmou Dinis Miranda:

«Esta concentração capitalista resultou da política agrícola fascista de proteção a grandes agrários e de desprazo pelos interesses dos pequenos agricultores e dos trabalhadores rurais. Os governos fascistas de Salazar e Marcelo Caetano só garantiam os preços e o escoamento dos produtos agrícolas que interessavam aos grandes agrários. Se limitavam nas zonas de grande latifúndio para multiplicar a riqueza destes grandes agrários.

A improvável está o caso do Plano de Rega do Alentejo que custou ao País mais de 4 milhões de contos, mas que só beneficiou os grandes senhores da terra.

Constantemente interrompido por aplausos da multidão, que não deixava de engrossar

Vertiginoso era o processo. Imparáveis eram as mudanças.

Ainda nas ruas de Beja ecoavam as palavras de afirmação da nova realidade, que pela ação, vontade e determinação dos trabalhadores agrícolas despertava, e já em Évora, a 9 de Fevereiro, nos Pavilhões da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, os

primeiros passos da "REFORMA AGRÁRIA" - a Revolução no Alentejo se afirmavam, clara e inequivocamente, como o caminho a seguir, com o início, logo pela manhã, dos trabalhos da Primeira Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Sul oportunamente convocada pela Direcção do P.C.P..

Serão mais uma vez milhares os trabalhadores agrícolas, desta vez oriundos de todo o Alentejo, Ribatejo e Algarve, a afirmar a sua vontade e determinação de pôr fim ao latifúndio, de realizar a Reforma Agrária.

Sublinhadas e valorizadas nas Conclusões da Conferência serão as novas formas de luta iniciadas com a ocupação do Monte do Outeiro. Sublinhadas e valorizadas serão ideias centrais da "Declaração de Beja".

11-8-76

o Camponês

«PELA MÃO DOS TRABALHADORES A REFORMA AGRÁRIA JÁ COMEÇOU»

—AFIRMOU ÁLVARO CUNHAL

Camaradas:

As conclusões da 1.ª Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Sul, que acabam de ser aprovadas, têm um alto significado.

Elas mostram que os trabalhadores agrícolas tomaram o seu destino nas próprias mãos, que estão firmemente decididos a defender os seus interesses vitais, a pôr fim ao desemprego, à fome e à miséria, transformar a actual agricultura, que os grandes agrários condenaram ao atraso e ao abandono, numa agricultura desenvolvida, que assegure aos trabalhadores agrícolas a vida a que têm direito e assegure ao País os géneros de que o País necessita.

As conclusões da Conferência mostram também que os trabalhadores agrícolas, melhor que ninguém, estão em condições de indicar ao País as grandes linhas das transformações democráticas necessárias nos campos do Sul e particularmente as grandes linhas da Reforma Agrária que (como todos os debates nesta Conferência evidenciaram) se tornou uma aspiração profunda e um objectivo central das massas trabalhadoras.

Camaradas:

Os acontecimentos desde o dia 25 de Julho, quando os monopólios e os latifundiários são o grande apoio e a grande força da reacção e do fascismo, são os inimigos jurados dos trabalhadores, são os inimigos jurados da nova situação democrática instaurada pelo heróico Movimento das Forças Armadas e defendida e construída também pelas forças democráticas e pela luta e pela actividade criadora das massas populares.

Os grandes senhores do dinheiro na indústria, os grandes senhores da terra na agricultura procuram por todos os meios criar dificuldades à nossa jovem democracia, paralisar

a produção, provocar o caos económico, fomentar o descontentamento das massas populares contra o Governo Provisional e contra o MFA.

Inversamente, tanto na indústria como na agricultura, são os trabalhadores que, defendendo os seus interesses de classe, defendem o aumento da produção e a solução dos grandes problemas económicos nacionais. Os interesses dos trabalhadores identificam-se com os interesses da nação portuguesa.

Na indústria, enquanto o patronato reacionário desvia os fundos, anula encontros e diminui e sabotá a produção, conduz as empresas à bancaria da falência e do encerramento, multiplica os despedimentos e ameaça a totalidade dos trabalhadores com o desemprego —, são os operários e empregados que, contra a vontade do patronato, asseguram o funcionamento das empresas, procuram manter postos de trabalho e se esforçam por fazer sair as empresas das dificuldades, assegurando o cumprimento da sua função na economia nacional.

Na agricultura, como esta Conferência comprovou, enquanto os grandes agrários mantêm inúmeras centenas de milhares de hectares, cessam o cultivo das terras ou mal as aproveitam, abatem o gado ou deixam-no morrer à fome, os trabalhadores agrícolas, que querem as terras para o desemprego —, são os trabalhadores agrícolas que, contra a vontade dos grandes agrários, começam a cultivar terras abandonadas, a tratar das árvores e dos gados lançados ao desprezo, a dar vida a uma agricultura arruinada para que ela possa finalmente dar trabalho, pão, uma vida desafogada e livre ao povo trabalhador.

Os factos demonstram que, na situação criada pela revolução democrática em curso, o aumento da produção, a estabilidade económica e financeira do País só podem ser alcançados em luta contra os monopólios e contra os grandes agrários e com a intervenção decidida, o trabalho reforçado e a iniciativa criadora das massas trabalhadoras das cidades e dos campos.

No que respeita ao desemprego, à luta contra a sabotagem económica, à assistência e previdência, aos interesses das populações, à organização sindical e à Reforma Agrária, dão numerosas sugestões e fazem numerosas propostas que constituem contribuição preciosa para a solução dos problemas que afetam os trabalhadores agrícolas do Sul.

Podeis estar certos de que o PCP terá em conta essas conclusões da Conferência no seu próprio exame dos problemas e em toda a sua actividade no Governo e fora do Governo.

Camaradas:

Em todos os debates desta Conferência, o facto foi salientado que há terras imensas para cultivar, por um lado, e que há milhares de braços sem trabalho, por outro.

Os trabalhadores agrícolas do Sul, assalariados e pequenos agricultores, que não podem admitir que haja lado a lado terras por cultivar e trabalhadores sem trabalho.

Do Alentejo das terras infértilas, das charnecas, dos poucos do gado raro e miserável, dos baixos rendimentos das culturas, do Alentejo do desemprego da fome e da miséria, os trabalhadores, com o apoio do Estado democrático, farão um Alentejo com uma agricultura que dará em abundância os produtos de que os trabalhadores e o País necessitam.

A Reforma Agrária surge natural como a própria vida, aparece como resultado da necessidade objectiva de resolver o problema do emprego e da produção, como solução indispensável e única.

Os latifundiários têm sido a morte. A entrega da terra a quem a trabalha significa a própria vida, vida para os trabalhadores desempregados e seus filhos, vida para a agricultura abandonada, sabotada pelos grandes agrários e pelos grandes capitalistas.

Vivemos um momento histórico nos campos do Sul. Pelas mãos dos trabalhadores, a Reforma Agrária deu os primeiros passos. Se soubermos reforçar a organização e a unidade dos trabalhadores, se soubermos reforçar a aliança Povo-Fórmas Armadas, o desenvolvimento da Reforma Agrária é irreversível. A luta não parará mais até que a terra de todos os latifundiários seja entregue a quem a trabalha.

Na sua luta abnegada e heróica, os trabalhadores agrícolas do Sul, como todos os trabalhadores portugueses, poderão contar sempre, nas horas boas e nas horas más, com o Partido Comunista Português.

Unidos e organizados, avançaremos para novas vitórias!

Vivam os heróicos trabalhadores agrícolas do Sul!

Viva a unidade dos trabalhadores na luta por uma vida melhor!

Viva a aliança do movimento popular com o Movimento das Fórmas Armadas!

Viva o Partido Comunista Português!

“Camaradas:

As conclusões da Primeira Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Sul, que acabam de ser aprovadas, têm um alto significado.

Elas mostram que os trabalhadores agrícolas tomaram o seu destino nas próprias mãos, que estão firmemente decididos a defender os seus interesses vitais, a pôr fim ao desemprego, à fome e à miséria, transformar a actual agricultura, que os grandes agrários condenaram ao atraso e ao abandono, numa agricultura desenvolvida, que assegure aos trabalhadores agrícolas a vida a que têm direito e assegure ao País os géneros de que o País necessita.

As conclusões da Conferência mostram também que os trabalhadores agrícolas, melhor que ninguém, estão em condições de indicar ao País as grandes linhas das transformações democráticas necessárias nos campos do Sul e particularmente as grandes linhas da Reforma Agrária que (como todos os debates nesta Conferência evidenciaram) se tornou uma aspiração profunda e um objectivo central das massas trabalhadoras.

Camaradas:

Os acontecimentos desde o 25 de Abril têm mostrado que os monopolistas e os latifundiários são o grande apoio e a grande força da reacção e do fascismo, são os inimigos jurados dos trabalhadores, são os inimigos jurados da nova situação democrática instaurada pelo heróico Movimento das Forças Armadas e defendida e construída também pelas forças democráticas e pela luta e pela actividade criadora das massas populares.

Os grandes senhores do dinheiro na indústria, os grandes senhores da terra na agricultura procuram por todos os meios criar dificuldades à nossa jovem democracia, paralisar a produção, provocar o caos económico, fomentar o descontentamento das massas populares contra o Governo Provisório e contra o MFA.

Inversamente, tanto na indústria como na agricultura, são os trabalhadores que, defendendo os seus interesses de classe, defendem o aumento da produção e a solução dos grandes problemas económicos nacionais. Os interesses dos trabalhadores identificam-se com os interesses da nação portuguesa.

Na indústria, enquanto o patronato reaccionário desvia os fundos, anula encomendas, diminui e sabota a produção, conduz as empresas à beira da falência e do encerramento, multiplica os despedimentos e ameaça a totalidade dos trabalhadores com o desemprego, são os operários e empregados que, contra a vontade do patronato, asseguram o funcionamento das empresas, procuram manter postos de trabalho e se esforçam por fazer sair as empresas das dificuldades, assegurando o cumprimento da sua função na economia nacional.

Na agricultura, como esta Conferência comprovou, enquanto os grandes agrários mantêm incultos centenas de milhar de hectares, cessam o cultivo das terras ou mal as aproveitam, abatem o gado ou deixam-no morrer à fome, destroem culturas, lançam os trabalhadores para o desemprego, são os trabalhadores agrícolas que, contra a vontade dos grandes agrários, começam a cultivar terras abandonadas, a tratar das árvores e dos gados lançados ao desprezo, a dar vida a uma agricultura arruinada para que ela possa finalmente dar trabalho, pão, uma vida desafogada e livre ao povo trabalhador.

Os factos demonstram que, na situação criada pela revolução democrática em curso, o aumento da produção, a estabilidade económica e financeira do País só podem ser alcançadas em luta contra os monopólios e contra os grandes agrários e com a intervenção decidida, o trabalho reforçado e a iniciativa criadora das massas trabalhadoras das cidades e dos campos.

No que respeita ao desemprego, à luta contra a sabotagem económica, à assistência e previdência, aos interesses das populações, à organização sindical e à Reforma Agrária, as conclusões da Conferência dão numerosas sugestões e

fazem numerosas propostas que constituem contribuição preciosa para a solução dos problemas que afectam os trabalhadores agrícolas do Sul.

Podeis estar certos de que o PCP terá em conta essas conclusões da Conferência no seu próprio exame dos problemas e em toda a sua actividade no Governo e fora do Governo.

Camaradas:

Em todos os debates desta Conferência um facto foi salientado: que há terras imensas por cultivar, por um lado, e que há milhares de braços sem trabalho, por outro.

Os trabalhadores agrícolas do Sul, assalariados e pequenos agricultores não mais podem admitir que haja lado a lado terras por cultivar e trabalhadores sem trabalho.

Do Alentejo das terras incultas, das charnecas, dos pousios do gado raro e miserável, dos baixos rendimentos nas culturas, do Alentejo do desemprego, da fome e da miséria, os trabalhadores, com o apoio do Estado democrático, farão um Alentejo com uma agricultura que dará em abundância os produtos de que os trabalhadores e o País necessitam.

A Reforma Agrária surge natural como a própria vida, aparece como resultado da necessidade objectiva de resolver o problema do emprego e da produção, como solução indispensável e única.

Os latifúndios têm sido e são a miséria, o atraso e a morte. A entrega da terra a quem a trabalha significa a própria vida, vida para os trabalhadores desempregados e seus filhos, vida para a agricultura abandonada, sabotada pelos grandes agrários e pelos grandes capitalistas.

Vivemos um momento histórico nos campos do Sul. Pelas mãos dos trabalhadores, a Reforma Agrária deu os primeiros passos. Se soubermos reforçar a organização e a unidade dos trabalhadores, se soubermos reforçar a aliança Povo-Forças Armadas, o desenvolvimento da Reforma Agrária é irreversível. A luta não parará mais até que a terra de todos os latifúndios seja entregue a quem a trabalha.

Na sua luta abnegada e heróica, os trabalhadores agrícolas do Sul, como todos os trabalhadores portugueses, poderão contar sempre, nas horas boas e nas horas más, com o Partido Comunista Português.

Unidos e organizados, avante para novas vitórias!

Vivam os heróicos trabalhadores agrícolas do Sul!

Viva a unidade dos trabalhadores por uma vida melhor!

Viva a aliança do movimento popular com o Movimento das Forças Armadas!

Viva o Partido Comunista Português.”

Saudadas, valorizadas, lançadas por Álvaro Cunhal, como caminho a ter presente em todas as organizações do Partido, estavam agora as audaciosas e revolucionárias conclusões da reunião de 26 de Janeiro, marco incontornável da luta dos trabalhadores agrícolas na concretização da “REFORMA AGRÁRIA” – A Revolução no Alentejo.

Pelas suas mãos e iniciativa tivera início, pelas suas mãos e iniciativa iria a Reforma Agrária prosseguir. Agora, em toda a zona de latifúndio. Sempre com o aplauso e o apoio do PCP.

Para combater o desemprego e a sabotagem económica consagrou a Conferência, nas suas conclusões, que **“No domínio das formas de luta a realização de reuniões de trabalhadores, concentrações e manifestações continuam sendo importantes meios a que os trabalhadores lançam mão para fazer face ao desemprego.**

Também como forma de luta contra o desemprego e a sabotagem, e ao mesmo tempo como meio de desenvolver a produção agrícola nacional, têm importância as iniciativas dos trabalhadores no sentido de fazerem cumprir os Contratos Colectivos de Trabalho, de impedirem actos de sabotagem, e de procederem à realização dos trabalhos agrícolas indispensáveis a um melhor aproveitamento das terras incultas ou mal exploradas.”

O sublinhado é das próprias conclusões.

Reconhecendo que **“Ao sul do Tejo existe, no momento actual, uma clara e ostensiva sabotagem económica e social levada a cabo pelos grandes agrários”** e enunciando como expressões dessa sabotagem:

- “a) - recusa em fazer os trabalhos agrícolas nas datas próprias;**
- b) –destruição ostensiva da produção agrícola e pecuária;**
- c) –redução intencional das adubações;**
- d) –realização simulada de culturas;**
- e) –realização intencional de culturas impróprias para determinados terrenos (trigo em zonas de aveia e aveia em zonas de trigo);**
- f) - realização de culturas pobres em zonas ricas;**
- g) - recusa em dar emprego aos milhares de desempregados;**
- h) - recusa em cumprir contratos colectivos de trabalho e em pagar salários por trabalhos já realizados;**
- i) - pagamento dos salários aos trabalhadores, impedindo, ao mesmo tempo, a realização de trabalhos agrícolas;**
- j) –lançamento no desemprego de muitos milhares de trabalhadores;**
- l) –arranque de milhares de árvores de fruto;**
- m) –recusa em arrendar terras mesmo daquelas arrendadas em anos anteriores;”**

situações denunciadas no decorrer da Conferência com exemplos concretos vindos de toda a zona de latifúndio, concluiu igualmente a Conferência: **“Que a única solução verdadeira para os problemas da agricultura do Sul, região onde domina a grande propriedade, é a Reforma Agrária que liquidará os latifúndios e dará a terra a quem a trabalha.”**

É tendo presente este objectivo estratégico que a Conferência reclama como medidas imediatas, entre outras:

- “a) – Expropriação das terras e dos bens dos grandes agrários que pratiquem actos de sabotagem económica e social;**
- b) – Expropriação das grandes propriedades que foram valorizadas à custa de dinheiro do Povo (exemplo: obras de rega do Alentejo);**
- c) – Arrendamento compulsivo dos incultos das propriedades subaproveitadas. Este arrendamento não deverá ser feito de forma que as boas terras fiquem na posse dos agrários e as más terras passem para as mãos do Estado ou dos trabalhadores agrícolas e camponeses pobres;**
- d) – Rápida legislação sobre arrendamento rural e baldios;**
- e) – Publicação de leis revolucionárias que permitam a punição dos sabotadores.”**

Às conclusões da Primeira Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Sul reagirá a ALA com repetidos desmentidos. Já assim fizera em relação à Declaração de Beja e às denúncias feitas pelos trabalhadores através do Sindicato.

Firmes, determinados e conscientes da razão que lhes assiste, os trabalhadores agrícolas prosseguirão a sua acção contra o desemprego, contra os incultos, o subaproveitamento e, sobretudo, contra os actos de sabotagem em que muitos dos grandes agrários irão prosseguir. Os trabalhadores defendem a produção e a economia nacional. Defendem e moldam com a sua acção a jovem democracia de Abril. Eles defendem a liberdade conquistada.

Nada os demoverá da sua luta. Eles concretizam a “REFORMA AGRÁRIA – A Revolução no Alentejo”.